

TRONO *de* VIDRO

SARAH J. MAAS

Tradução

Bruno Galiza

Lia Raposo

Rodrigo Santos

Mariana Kohnert



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

1

Depois de um ano de escravidão nas Minas de Sal de Endovier, Celaena Sardothien estava acostumada a ser conduzida a todos os lugares em grilhões e com espadas apontadas para si. A maioria dos milhares de escravos de Endovier era tratada da mesma forma – mas meia dúzia de guardas adicionais sempre escoltava Celaena para dentro e para fora das minas. Isso era esperado pela assassina mais famosa de Adarlan. O que Celaena não esperava, porém, era um homem encapuzado, todo vestido de preto ao seu lado – como havia naquele momento.

Ele segurava-lhe o braço enquanto a conduzia pelo prédio reluzente onde a maior parte dos oficiais e capatazes de Endovier estavam lotados. Eles seguiram por corredores, subiram lances de escada e deram voltas e mais voltas até não haver mais a mínima chance de Celaena encontrar o caminho da saída.

Pelo menos essa era a intenção do seu acompanhante, pois Celaena percebeu que eles subiram e desceram a mesma escadaria dentro de poucos minutos. Ela também não deixou de notar que, apesar de o prédio ser uma estrutura padronizada de corredores e escadarias, tinham zigzagueado entre os andares. Como se Celaena fosse se perder assim, com tanta facilidade. Se o homem não estivesse se esforçando tanto, talvez ela tivesse se sentido insultada.

Entraram em um corredor bem longo, silencioso exceto pelo som dos passos. O homem que lhe segurava o braço era alto e forte, mas ela não

conseguia ver as feições do rosto escondido sob o capuz. Outra tática para confundir e intimidá-la. As roupas negras também deviam fazer parte da estratégia. Ele se virou na direção de Celaena, e ela lhe lançou um sorriso. O homem olhou para a frente de novo e apertou mais o braço da assassina.

Celaena imaginou que deveria se sentir lisonjeada, mesmo *sem* saber o que estava acontecendo ou por que o homem ficara à sua espera na saída da mina. Depois de um dia inteiro extraindo sal grosso das entranhas da montanha, encontrá-lo parado lá fora com outros seis guardas não melhorara seu humor.

Mas Celaena ficara mais alerta quando o homem se apresentou ao seu capataz como Chaol Westfall, capitão da Guarda Real. O céu, de súbito, pareceu desabar sobre sua cabeça, as montanhas foram empurradas na direção dela e até a terra, por um momento, pareceu inchar na direção de seus joelhos. Há algum tempo Celaena não sentia medo – não se *permitia* sentir medo. Todas as manhãs, quando acordava, repetia as mesmas palavras: *Eu não terei medo*. Durante um ano, essas palavras significaram a diferença entre se partir e ceder; evitaram que Celaena se despedaçasse na escuridão das minas. Mas ela não deixaria o capitão desconfiar de nada daquilo.

Celaena examinou a mão enluvada que apertava seu braço. O couro escuro era quase da mesma cor da sujeira que cobria-lhe a pele.

Celaena ajustou a túnica rasgada e suja com a mão livre e prendeu um suspiro. Como entrava nas minas antes da aurora e saía depois do crepúsculo, quase nunca conseguia ver o sol. Por baixo de toda aquela sujeira, estava assustadoramente pálida. É verdade, porém, que um dia já fora atraente, até mesmo bela, mas agora já não fazia mais diferença, não é?

Eles chegaram a outro corredor, e Celaena estudou a espada bem-trabalhada do estranho. O punho dourado tinha o formato de uma águia de asas abertas. Percebendo o olhar de Celaena, a mão enluvada do homem desceu e repousou sobre a cabeça de ouro da águia. A prisioneira sorriu novamente.

– Você está bem longe do Forte da Fenda, capitão – disse ela, pigarreando. – Veio com o exército que escutei chegar mais cedo?

Celaena tentou ver o que havia sob o capuz, mas não enxergou nada. Sentiu, porém, os olhos do homem sobre seu rosto, julgando-a, avaliando-a,

testando a assassina. Celaena encarou de volta. O capitão da Guarda Real seria um adversário interessante. Talvez até digno de algum esforço da parte dela.

O homem finalmente ergueu a mão da espada, e as dobras da capa voltaram a esconder a lâmina. Quando o tecido se moveu, Celaena viu uma serpente alada bordada na túnica. O selo real.

– Qual o seu interesse no exército de Adarlan? – replicou ele.

Como era bom escutar uma voz como a dela, calma e bem-articulada, mesmo que fosse a voz de um brutamontes.

– Nenhum – respondeu Celaena, dando de ombros. O capitão emitiu um pequeno rosnado de irritação.

Seria bom ver o sangue dele derramar-se no chão de mármore. A assassina já perdera o controle uma vez quando seu primeiro capataz escolhera o dia errado para provocá-la. Ainda se lembrava da sensação de fincar a picareta no estômago dele e do sangue pegajoso em suas mãos e rosto. Celaena podia desarmar dois daqueles guardas em menos de um segundo. Será que o capitão se sairia melhor que o capataz falecido? Imaginando os possíveis resultados do confronto, ela sorriu novamente para ele.

– Não olhe assim para mim – avisou o capitão, e sua mão voltou à espada. Celaena escondeu o sorriso dessa vez.

Eles passaram por uma série de portas de madeira que a prisioneira vira há alguns minutos. Se quisesse escapar, era só virar à esquerda no próximo corredor e descer três lances de escada. A única coisa que aquela tentativa de confundir-la conseguiu foi familiarizá-la melhor com a estrutura do prédio. Imbecis.

– Para onde vamos mesmo? – disse ela, com doçura, tirando o cabelo do rosto. Quando o capitão não respondeu, Celaena trincou os dentes.

Os corredores ecoavam alto demais para que Celaena conseguisse atacá-lo sem chamar a atenção do prédio inteiro. Além do mais, ela não sabia onde estava a chave das correntes e os seis guardas que os seguiam seriam um grande empecilho. Isso sem falar dos grilhões.

Eles entraram em um corredor repleto de candelabros de ferro. Do lado de fora das janelas enfileiradas já era noite; as tochas brilhavam tanto que mal havia sombras onde se esconder.

Celaena conseguia escutar os outros escravos no pátio se deslocando em direção ao prédio de madeira onde dormiam. Os gemidos de agonia e o

retinir das correntes eram um coro tão familiar quanto o das monótonas canções de trabalho que eles entoavam o dia todo. O ocasional estalar dos chicotes contribuía para a sinfonia de brutalidade que Adarlan criara para seus piores criminosos, seus mais pobres cidadãos e suas mais recentes conquistas.

Embora alguns prisioneiros fossem pessoas acusadas de tentar praticar magia – não que isso fosse *possível*, pois há muito a magia desaparecera do reino –, mais e mais rebeldes chegavam a Endovier naqueles dias. A maioria era de Eyllwe, um dos últimos países que ainda combatiam o imperialismo de Adarlan. Mas quando Celaena os importunava em busca de notícias, eles a olhavam com olhos vazios. Sem esperanças. Ela se arrepiava ao pensar no que teriam sofrido nas mãos das tropas de Adarlan. Às vezes, se perguntava se não teria sido melhor para eles se tivessem morrido no campo de abate. E se não teria sido melhor para ela também ter morrido na noite em que fora traída e capturada.

Mas Celaena tinha outras coisas em que pensar enquanto caminhava. Será que seria finalmente enforcada? Seu estômago embrulhou. Ela *era* importante o suficiente para merecer ser executada pelo próprio capitão da Guarda Real. Mas então para que levá-la primeiro para dentro do prédio?

Finalmente, pararam diante de portas de vidro vermelhas e douradas, tão grossas que Celaena não conseguia ver o que havia além. O capitão Westfall fez um sinal com o queixo para os dois guardas ao lado das portas, e eles bateram a lança no chão em um cumprimento.

O capitão apertou dolorosamente o braço da prisioneira. Puxou-a mais para perto, mas os pés de Celaena pareciam feitos de chumbo e ela fez força na direção oposta.

– Prefere ficar nas minas? – perguntou ele, parecendo divertir-se com a ideia.

– Talvez se me contassem do que isso tudo se trata, eu não me sentiria tão inclinada a resistir.

– Você logo vai saber.

As palmas das mãos de Celaena estavam úmidas. Sim, ela realmente estava prestes a morrer. A hora finalmente chegara.

As portas rangeram ao abrir, revelando o salão do trono imperial. Um candelabro de vidro no formato de um cacho de uvas ocupava a maior parte do teto, refletindo prismas de fogo nas janelas do outro lado do aposento.

Comparada à aridez do lado de fora das janelas, a opulência ali era como um tapa na cara. Mais uma evidência do lucro que o trabalho de Celaena lhes proporcionara.

– Por aqui – rosnou o capitão da guarda, e finalmente a soltou, empurrando-a com a mão livre.

Celaena tropeçou, e seus pés calejados escorregaram no chão liso enquanto ela se endireitava. A prisioneira olhou para trás e viu outros seis guardas aparecerem.

Catorze guardas, mais o capitão. O emblema dourado real bordado no peitoral dos uniformes negros. Aqueles eram membros da guarda pessoal da família real: impiedosos, rápidos como raios, treinados desde pequenos para proteger e matar. Celaena engoliu em seco, nervosa.

Desorientada e sentindo-se estranhamente pesada, ela postou-se no salão. Em um trono ornamentado, feito de madeira de sequoia, sentava-se um belo jovem. O coração de Celaena parou enquanto os outros se curvavam em reverência.

Estava diante do príncipe herdeiro de Adarlan.

↔ 2 ↔

— Vossa Alteza – disse o capitão da Guarda, fazendo uma reverência.

Ele se endireitou e retirou o capuz, revelando o curto cabelo castanho. A função do capuz certamente fora intimidar Celaena, fazer com que ficasse submissa. Como se um truque assim tão simplório pudesse funcionar com *ela*. Mesmo irritada, Celaena ficou surpresa ao ver o rosto dele pela primeira vez. Era tão jovem!

O capitão Westfall não era excessivamente bonito, mas era difícil não achar o rosto de traços fortes e os olhos claros, castanho-dourados, atraentes. Ela baixou a cabeça, agora intensamente consciente de quanto estava imunda.

– É ela? – perguntou o príncipe herdeiro de Adarlan, e Celaena olhou de um para o outro enquanto o capitão assentia com a cabeça.

Os dois a encararam, esperando que ela se curvasse em reverência. Celaena permaneceu ereta, e Chaol remexeu-se, inquieto. O príncipe lançou um olhar para o capitão e ergueu o queixo um pouco mais alto.

Celaena não iria se curvar para ele! Se já estava destinada à força, *não* perderia os últimos momentos de vida submetendo-se àquela humilhação.

Passos firmes atrás de Celaena, e alguém a agarrou pelo pescoço. Ela só percebeu bochechas vermelhas e um bigode ruivo antes de ser jogada no chão gelado de mármore. A dor irradiou por seu rosto, e pequenos focos de luz salpicaram-lhe a visão. Os braços da prisioneira doíam, pois as mãos

atadas impediam que ela ajustasse as articulações corretamente. Embora tivesse tentado evitar, lágrimas de dor irromperam.

– *Esta* é a forma adequada de cumprimentar seu futuro rei – disparou um homem de rosto avermelhado para Celaena.

A assassina rosnou, mostrando os dentes ao se virar para o imbecil ajoelhado. Ele era quase tão grande quanto seu capataz e vestia vermelho e laranja, combinando com o pouco cabelo. Seus olhos cor de obsidiana brilhavam enquanto o homem apertava o pescoço de Celaena. Se ela conseguisse mexer o braço direito um pouco, poderia desequilibrá-lo e tomar-lhe a espada. Os grilhões pressionavam o estômago da prisioneira, e a raiva faiscante lhe afogueava o rosto.

Depois de um longo momento, o príncipe herdeiro falou:

– Não compreendo que sentido há em forçar alguém a se curvar quando o propósito do gesto é mostrar lealdade e respeito. – Suas palavras demonstravam um profundo tédio.

Celaena tentou olhar para o príncipe, mas só pôde ver um par de botas de couro negras descansando no chão branco.

– Está claro que *você* me respeita, duque Perrington, mas é um tanto desnecessário se esforçar tanto para obrigar *Celaena Sardothien* a ter a mesma opinião. Nós dois sabemos muito bem que ela não tem apreço pela minha família. Talvez sua intenção, então, seja humilhá-la. – O príncipe pausou, e Celaena poderia jurar que seus olhos pousaram nela por um breve momento. – Mas acho que já é o bastante.

Ele fez outra pausa e então perguntou:

– Você não tem uma reunião com o tesoureiro de Endovier? Não quero que se atrase, principalmente depois de ter vindo até aqui só para encontrá-lo.

Compreendendo que havia sido dispensado, o torturador de Celaena grunhiu e soltou a assassina. Celaena descolou a bochecha do mármore, mas permaneceu deitada até que ele se levantasse e fosse embora. Se algum dia conseguisse escapar, talvez procurasse esse tal duque Perrington para retribuir a gentileza.

Ao se levantar, Celaena franziu a testa ao perceber a mancha que deixara no chão impecável e ao escutar o tilintar dos grilhões ecoando pelo salão silencioso. Mas ela fora treinada para ser uma assassina desde os 8 anos quando o rei dos Assassinos a encontrou quase morta às margens de um rio congelado e a levou para seu forte. Depois de tudo que passara, nada a hu-

milharia, muito menos o simples fato de estar suja. Depois de recompor seu orgulho, ela jogou a longa trança para trás de um dos ombros e levantou a cabeça. Seus olhos encontraram os do príncipe.

Dorian Havillard sorriu para Celaena. Era um sorriso polido, repleto de charme cortês. Sentado confortavelmente no trono, ele apoiava o queixo em uma das mãos, e sua coroa de ouro refletia a luz suave do salão. O emblema dourado da serpente alada real lhe ocupava todo o peito. Um manto vermelho cobria graciosamente o príncipe e o trono.

Mas algo em seus impressionantes olhos azuis – da cor das águas dos países do sul – e no contraste que faziam com seus cabelos negros a deixou sem reação por um instante. Ele era extremamente belo e não devia ter mais de 20 anos.

Príncipes não deveriam ser bonitos! Eles são criaturas revoltantes, arrogantes, estúpidas! Esse... esse... Como é injusto que seja membro da realeza e bonito.

Celaena trocou o peso do corpo de um pé para outro enquanto o príncipe franzia a testa para ela, avaliando-a.

– Achei que tivesse pedido a você que a limpasse – disse ele ao capitão Westfall, que deu um passo à frente.

Celaena esquecera que havia mais gente no salão, olhou para os trapos que usava e para a pele encardida e não conseguiu suprimir uma pontada de vergonha. Que estado mais miserável para uma moça que um dia já fora tão bela!

À primeira vista, os olhos de Celaena pareciam azuis ou cinzentos, talvez até esverdeados, dependendo da cor das roupas que usasse. De perto, porém, a ambiguidade de tons era ofuscada pelo anel de ouro que envolvia suas pupilas. Mas eram seus cabelos dourados – que ainda retinham vestígios do antigo esplendor – que chamavam a atenção da maioria das pessoas. Em resumo, Celaena Sardothien fora abençoada com algumas características atraentes que compensavam a mediocridade dos outros traços; e, no início da adolescência, ela já descobrira que, com a ajuda de cosméticos, os traços comuns podiam facilmente passar por extraordinários.

Agora, porém, postava-se diante de Dorian Havilliard sentindo-se quase um rato de esgoto! Celaena sentiu as bochechas queimarem quando o capitão Westfall falou.

– Não queria fazê-lo esperar.

O príncipe herdeiro balançou a cabeça quando Chaol estendeu a mão na direção de Celaena.

– Não se preocupe com o banho agora. Já posso ver que ela tem potencial. – O príncipe endireitou a coluna, concentrado em Celaena. – Não acredito que tivemos o prazer de nos conhecer formalmente. Mas como você já deve saber, sou Dorian Havilliard, príncipe herdeiro de Adarlan, e talvez agora o príncipe herdeiro da maior parte de Erilea.

Celaena ignorou a onda de emoções amargas que sentiu ao ouvir o nome maldito.

– E você é Celaena Sardothien, a maior assassina de Adarlan. Talvez a maior assassina de toda Erilea. – Ele pareceu perceber os músculos tensionados de Celaena e levantou as sobranceiras negras e bem-cuidadas. – Você parece um pouco jovem demais. – O príncipe apoiou os cotovelos nas coxas antes de continuar: – Escutei histórias fascinantes sobre você. O que está achando de Endovier depois de ter vivido com tanto luxo no Forte da Fenda?

Canalha arrogante.

– Mais feliz impossível – cantarolou ela, enquanto enfiava as unhas pontiagudas nas palmas das mãos.

– Depois de um ano, você parece mais ou menos viva. Pergunto-me como isso é possível quando a expectativa de vida nestas minas é de apenas um mês.

– Um mistério fascinante, sem dúvida – respondeu ela, piscando maliciosamente e ajustando os grilhões como se fossem luvas de renda.

O príncipe herdeiro virou-se para o capitão.

– Ela tem a língua bem afiada, não? E não fala como alguém da ralé.

– Eu realmente espero que não! – interrompeu Celaena.

– Vossa Alteza – corrigiu Chaol, ríspido.

– O quê? – perguntou ela.

– Você deve chamá-lo de “Vossa Alteza”.

Celaena lançou-lhe um sorriso zombeteiro e voltou a se concentrar no príncipe.

Dorian Havilliard, para surpresa da assassina, gargalhou.

– Você *sabe* que agora é escrava, não sabe? Será que não aprendeu nada com sua sentença?

Se os braços de Celaena não estivessem atados, ela os teria cruzado.

– Não sei como trabalhar em uma mina pode ensinar qualquer coisa além do modo certo de segurar uma picareta.

– E você nunca tentou escapar?

Um sorriso perverso apareceu lentamente no rosto da assassina.

– Uma vez.

O príncipe levantou as sobrancelhas e voltou-se para o capitão Westfall.

– Isso ninguém me contou.

Celaena se voltou para trás e viu Chaol lançar ao príncipe um olhar culpado.

– O capataz-chefe me informou esta tarde que houve apenas *um* incidente. Três meses...

– Quatro meses – corrigiu ela.

– Quatro meses – disse Chaol – depois que Sardothien chegou, ela tentou fugir.

Celaena aguardou o resto da história, mas o capitão claramente não tinha intenção de continuá-la.

– Mas essa não é nem a melhor parte!

– Há uma “melhor parte”? – perguntou o príncipe herdeiro, com a expressão do rosto entre a perplexidade e um sorriso.

Chaol encarou Celaena, furioso, antes de começar a falar:

– É impossível escapar de Endovier. Seu pai se certificou de que cada vigia de Endovier fosse capaz de acertar um esquilo a 200 passos de distância. Tentar escapar é suicídio.

– Mas você sobreviveu – disse o príncipe para Celaena.

O sorriso de Celaena desapareceu quando as lembranças do incidente retornaram.

– Sim.

– O que aconteceu? – perguntou Dorian.

Os olhos de Celaena endureceram, frios como gelo.

– Perdi o controle.

– É assim que você explica o que fez? – indagou o capitão Westfall, indignado. – Ela matou o capataz e mais 23 guardas antes de ser capturada. Estava a uma *unha* da muralha quando os soldados finalmente a nocautearam.

– E...? – disse Dorian.

Celaena se irritou.

– “E”? Você tem ideia da distância entre as minas e a muralha? – O príncipe a encarou com a expressão vazia. Ela fechou os olhos e suspirou

dramaticamente. – São 110 metros desde a minha cela. Eu pedi que alguém medisse.

– E...? – repetiu Dorian.

– Capitão Westfall, até onde os escravos costumam chegar quando tentam fugir das minas?

– Um metro – murmurou ele. – Normalmente os guardas de Endovier os atingem antes que consigam avançar 1 metro.

O silêncio do príncipe herdeiro não era a reação que Celaena desejava.

– Você sabia que era suicídio – disse ele, finalmente, e sua expressão estava mais séria. Talvez tivesse sido má ideia mencionar a questão da muralha, pensou ela.

– Sim – respondeu Celaena.

– Mas eles não mataram você.

– Seu pai ordenou que me mantivessem viva o máximo possível para que sofresse toda a miséria que Endovier tem a oferecer – respondeu Celaena, sentindo calafrios que não tinham nada a ver com a temperatura do corpo. – Eu não tinha intenção alguma de escapar. – A pena nos olhos do príncipe fez com que Celaena quisesse bater nele.

– Você carrega muitas cicatrizes? – perguntou o príncipe.

A prisioneira deu de ombros, e o príncipe sorriu, tentando amenizar o clima sombrio. Ele desceu do estrado onde o trono se assentava.

– Vire de costas, deixe-me ver – disse o príncipe herdeiro.

Celaena franziu a testa, mas obedeceu. Chaol, alerta, se aproximou um passo.

– Não consigo vê-las com tanta sujeira – reclamou o príncipe, inspecionando a pele exposta por entre os rasgos da blusa de Celaena. Ela fez uma careta de raiva e intensificou-a ainda mais quando ele exclamou: – E que fedor horrível!

– Quando não se tem acesso a um sabonete e uma banheira, é difícil ter um perfume tão agradável quanto o seu, *Vossa Alteza*.

O príncipe herdeiro estalou a língua e andou lentamente ao redor da assassina, avaliando-a. Chaol e o resto dos guardas os observavam com as mãos nas espadas – como deveriam. Em menos de um segundo, Celaena poderia passar os braços algemados por cima da cabeça do príncipe e esmagar a traqueia dele. Valeria a pena tentar só para ver a expressão no rosto de

Chaol. Mas o príncipe continuou, sem perceber o quanto estava perigosamente próximo dela. Celaena quase se sentia ofendida.

– Pelo que vejo – disse ele –, há três grandes cicatrizes e talvez algumas menores também. Não tão horríveis quanto eu esperava, mas... bem, os vestidos irão escondê-las, suponho.

– Vestidos? – repetiu Celaena, sem entender, tão próxima dele que podia ver cada detalhe do paletó do príncipe e sentir o cheiro, não de perfume, mas de cavalos e de ferro.

Dorian sorriu.

– Que olhos impressionantes você tem! E como é raivosa!

Perto o suficiente para estrangular o príncipe herdeiro de Adarlan, filho do homem que a sentenciara a uma morte lenta e miserável, o autocontrole de Celaena se equilibrava perigosamente na beira de um abismo.

– Exijo saber – começou ela, tentando se aproximar, mas o capitão da guarda a puxou para trás com toda a força.

– Eu não ia matá-lo, seu idiota.

– Cuidado com a língua antes que eu a jogue de volta nas minas – disse o capitão de olhos castanhos.

– Ah, não acho que você faria isso.

– E por que não? – replicou Chaol.

Dorian voltou ao trono e se sentou; os olhos cor de safira brilhavam.

Celaena olhou de um homem para o outro e endireitou a coluna.

– Porque há algo que vocês querem de mim, algo que querem tanto que vieram até aqui pessoalmente. Não sou idiota, embora tenha sido tola o bastante para ser capturada, e já entendi que isso é algum assunto sigiloso. Por que mais vocês sairiam da capital e se arriscariam a vir tão longe? Estão me testando para ver se estou apta física e mentalmente. Bom, sei que ainda não estou louca, apesar do que o incidente na muralha possa sugerir. Então exijo saber por que vocês estão aqui e que serviço desejam de mim, se é que não estou destinada à força.

Os homens trocaram olhares. Dorian entrelaçou os dedos.

– Tenho uma proposta para você.

Celaena sentiu um aperto no peito. Nunca, nem nos sonhos mais fantasiosos, ela imaginara que teria a oportunidade de falar com Dorian Havilliard em pessoa. Poderia matá-lo tão facilmente, arrancar-lhe aquele sorriso do rosto... poderia destruir o rei como ele a destruiria...

Mas talvez a proposta do príncipe herdeiro pudesse proporcionar sua fuga. Se passasse pela muralha, conseguiria fugir. Correr e correr e desaparecer nas montanhas e viver em solidão, na escuridão verde da floresta, com um tapete de folhas de pinheiro sob os pés e um cobertor de estrelas sobre a cabeça. Era realmente possível. Ela só precisava passar pela muralha. Já chegara tão perto...

– Estou disposta a ouvir – disse Celaena.

↔ 3 ↔

Os olhos do príncipe brilharam com fascínio pela ousadia de Celaena e detiveram-se demoradamente no corpo da assassina. Ela podia rasgar o rosto dele com as unhas por olhá-la daquela forma, mas o fato de o príncipe sequer se incomodar em *olhar* quando Celaena estava tão imunda... Um sorriso se abriu lentamente no rosto dela.

O príncipe cruzou as longas pernas.

– Deixe-nos – ordenou ele aos guardas. – Chaol, você fica onde está.

Celaena se aproximou enquanto os guardas saíam, ruidosamente, e fechavam a porta. Decisão tola, muito tola. Mas o rosto de Chaol era indecifrável. Ele não podia realmente acreditar que conseguiria impedi-la agora, caso Celaena tentasse escapar! Ela endireitou a coluna. Que plano era aquele que os deixava tão irresponsáveis?

O príncipe soltou uma gargalhada.

– Você não acha arriscado ser tão ousada na minha presença quando sua liberdade está em jogo?

De todas as coisas que poderia ter dito, *isso* era o que ela menos esperava.

– Minha liberdade? – O som da palavra a fez imaginar uma terra de pinheiros e neve, de penhascos ensolarados e mares espumantes, uma terra onde a luz sumia nos recessos e elevações da grama verde – uma terra que Celaena já esquecera.

– Sim, sua liberdade. Eu sugiro, então, *senhorita* Sardothien, que você controle a arrogância antes que acabe voltando para as minas. – O príncipe descruzou as pernas. – Se bem que talvez sua atitude seja útil. Não vou fingir que o reino de meu pai foi construído com confiança e compreensão. Mas você já deve saber disso. – Celaena fechou as mãos em punhos enquanto esperava que ele continuasse. O olhar do monarca cruzou com o dela, alerta, como se a testasse. – Meu pai enfiou na cabeça que precisa de um campeão.

Celaena levou um segundo delicioso para entender o que ele queria dizer, então jogou a cabeça para trás e riu.

– Seu pai quer que *eu* seja a campeã? O que... não me diga que ele deu um jeito de eliminar todas as almas nobres lá fora! Certamente ainda existe *um* cavalheiro cortês, um senhor de coração determinado e coragem.

– Cuidado com o que fala – avisou Chaol, postado ao lado dela.

– E quanto a você, hein? – disse Celaena, levantando as sobranceiras para o capitão. Ah, era engraçado demais. *Ela*, a campeã do rei! – Nosso querido rei não acha você bom o suficiente?

O capitão levou a mão à espada.

– Fique quieta para escutar o que Sua Majestade tem a dizer.

Ela se virou de volta para o príncipe.

– Pois bem?

Dorian se recostou no trono.

– Meu pai precisa de alguém que ajude o império, alguém que o ajude a lidar com pessoas difíceis.

– Quer dizer que precisa de um laçao para fazer o trabalho sujo.

– Se prefere ser direta, sim – disse o príncipe. – O *campeão* do rei deve silenciar os oponentes.

– Deixá-los como túmulos – completou ela, com doçura.

Um sorriso pairou na face de Dorian, mas ele conseguiu se conter.

– Sim.

Trabalhar para o rei de Adarlan como serva real. Celaena levantou o queixo. Matar *em nome* dele, ser mais um dente na boca do monstro que já consumira metade de Erilea...

– E se eu aceitar?

– Então, depois de seis anos, ele devolverá sua liberdade.

– Seis anos! – Mas a palavra “liberdade” ecoou na mente de Celaena mais uma vez.

– Se recusar – disse Dorian, antecipando a próxima pergunta dela –, você permanecerá em Endovier. – Os olhos cor de safira do príncipe endureceram, e Celaena engoliu em seco. Ele não precisou acrescentar: *E morrerá aqui.*

Seis anos fazendo o papel de arma nas mãos de um rei corrupto... ou uma vida inteira em Endovier.

– Porém – advertiu o príncipe –, há uma condição.

Celaena manteve o rosto neutro enquanto ele brincava com um anel.

– O cargo não está sendo oferecido a você. Ainda não. Meu pai quer se divertir um pouco antes. Ele está organizando uma competição e convidou 23 integrantes do conselho para que cada um patrocine um candidato a campeão, para treinar no castelo de vidro e, por último, competir em um duelo. Se por acaso ganhar – disse ele, com um meio-sorriso –, será nomeada *oficialmente* a Assassina de Adarlan.

Celaena não retribuiu o sorriso.

– Quem são meus adversários, exatamente?

Vendo a expressão de Celaena, o sorriso do príncipe desapareceu devagar.

– Ladrões e assassinos e guerreiros de toda Erilea. – Ela abriu a boca para retrucar, mas o príncipe a interrompeu: – Se ganhar, se provar que é habilidosa e digna de confiança, meu pai *jurou* devolver sua liberdade. *E*, enquanto for a campeã, receberá um salário bem razoável.

Ela mal prestou atenção nas últimas palavras. Uma competição! Contra uns desconhecidos sabe-se lá de onde! E assassinos!

– Que outros assassinos? – indagou ela.

– Nunca ouvi falar de nenhum. Com certeza, ninguém tão famoso quanto *você*. E, aliás, você não competirá como Celaena Sardothien.

– Quê?

– Você competirá sob um nome falso. Presumo que não soube do que aconteceu depois de seu julgamento.

– É difícil para um escravo das minas escutar notícias do mundo lá fora.

Dorian deu uma risada, balançando a cabeça.

– Ninguém sabe que Celaena Sardothien é só uma jovem mulher... todos achavam que você fosse bem mais velha.

– O quê? – repetiu Celaena, sentindo o rosto ficar vermelho. – Como isso é possível? – Ela deveria estar orgulhosa por ter protegido aquele segredo do resto do mundo, mas...

– Você manteve uma identidade secreta durante todos os anos em que esteve solta, matando. Depois do julgamento, meu pai achou que seria mais... sábio não informar Erilea da sua verdadeira identidade. Ele prefere que as coisas continuem como estão. Que diriam nossos inimigos se soubessem que estávamos todos morrendo de medo de uma menininha?

– Então eu estive trabalhando nesse lugar miserável esse tempo todo por um nome e um título que nem mesmo me pertencem? Quem o povo de Erilea *acha* que é realmente a Assassina de Adarlan?

– Não sei e pouco me importa. O que eu *sei* é que você era a melhor e que as pessoas ainda cochicham quando mencionam seu nome. – O príncipe encarou Celaena. – Se você aceitar lutar para mim, se for *minha* campeã durante os meses da competição, garanto que você estará livre depois de *cinco* anos.

Embora ele tentasse esconder, Celaena percebeu a tensão no corpo do príncipe. Ele queria muito que ela concordasse. Precisava tanto daquilo que estava disposto a negociar com Celaena. Os olhos da assassina começaram a brilhar.

– Como assim, “*era* a melhor”?

– Você permaneceu em Endovier por um ano. Quem sabe o que ainda é capaz de fazer?

– Ah, sou capaz de bastante coisa, pode ter certeza – respondeu ela, mexendo nas unhas maltratadas. Celaena tentou não sentir nojo da sujeira acumulada sob elas. Quando fora a última vez que tivera oportunidade de limpar as mãos?

– Veremos – replicou Dorian. – Você terá todos os detalhes da competição quando chegarmos ao Forte da Fenda.

– Essa competição parece desnecessária, apesar da *diversão* que vocês nobres terão apostando em nós. Por que não me contrata de uma vez?

– Como acabei de dizer, você precisa provar que é digna.

Ela pousou uma das mãos no quadril, as correntes retiniram, ecoando pelo salão.

– Bem, acho que ser a Assassina de Adarlan já é prova mais do que suficiente.

– Sim – respondeu Chaol, e seus olhos cor de bronze brilharam. – Prova que você não passa de uma criminoso e de que não devemos confiar em você com os negócios secretos do rei assim tão facilmente.

– Eu juro solenemente...

– Duvido muito que o rei daria valor à palavra da *Assassina de Adarlan* como juramento.

– Sim, mas eu não vejo por que tenho de passar pelo treinamento e pela competição. Quero dizer, eu devo estar um pouco... fora de forma, mas... o que mais esperava quando tenho de me virar com pedras e picaretas neste lugar? – Celaena lançou um olhar raivoso para Chaol.

Dorian franziu a testa.

– Então vai recusar a proposta?

– É claro que vou aceitar a proposta – disse ela, bruscamente. Os pulsos de Celaena roçavam nos grilhões com tanta força que seus olhos lacrimejaram. – Serei sua ridícula campeã se você concordar em me libertar em três anos, não cinco.

– Quatro.

– Muito bem – disse ela. – Está fechado. Posso estar trocando uma forma de escravidão pela outra, mas não sou boba.

Ela poderia recuperar a liberdade. *Liberdade*. Celaena sentia o ar frio do mundo livre, a brisa que vinha das montanhas para levá-la embora. Poderia viver bem longe do Forte da Fenda, a capital que um dia fora seu domínio.

– Espero que esteja certa – replicou Dorian. – E espero que sua reputação corresponda à realidade. Prevejo uma vitória e não ficarei satisfeito se você me fizer de tolo.

– E se eu perder?

Os olhos do príncipe perderam o brilho, e ele respondeu:

– Será mandada de volta para cá, para terminar de cumprir sua sentença.

Os belos devaneios de Celaena se dissolveram como areia entre os dedos.

– Então posso muito bem saltar da janela. Um ano neste lugar já me deixou assim, imagine o que aconteceria se voltasse. Eu morreria no segundo ano. – Ela levantou o queixo. – Sua oferta parece justa.

– Justa, sim – disse Dorian, e acenou para Chaol. – Leve-a para o quarto e limpe-a. – Ele a encarou. – Partimos para o Forte da Fenda amanhã de manhã. Não me decepcione, Sardothien.

Era besteira, claro. Quão difícil seria para ela superar os competidores em inteligência e habilidade e então acabar com eles? Celaena só não sorriu

porque sabia que, se o fizesse, aquilo a abriria para um universo de esperanças que há muito se fechara. Mesmo assim, sentiu vontade de pegar o príncipe e sair dançando pelo salão. Tentou pensar em música, tentou pensar numa canção de comemoração, mas só conseguiu se lembrar de um único verso de uma das amargas canções de trabalho de Eyllwe, uma canção profunda e lenta como mel derramando-se de uma jarra. “*E então, finalmente, voltar para casa...*”

Celaena nem se deu conta quando o capitão a levou embora, nem reparou enquanto atravessavam corredor atrás de corredor.

Sim, ela iria – para o Forte da Fenda ou qualquer lugar, até atravessaria os portais de Wyrđ a caminho do próprio inferno, se isso significasse liberdade.

Afinal, não é à toa que você é a Assassina de Adarlan.